



Para o humorista, programas que hoje flertam com a comédia se servem do drama; sonho é ver unidas a tradição do bordão brasileiro e a reflexão das séries anglo-saxãs

CONVIDADO DA SEMANA

FERNANDO CEYLÃO

Risada pós-punk

A IMPORTÂNCIA DO POLITICAMENTE CORRETO

Se um dia o idiota e tirano ditador cismar que todos os carros devem andar em marcha a ré, haverá o humorista pra apontar o risível da decisão. E essa é uma (apenas uma) das funções do humor: agredir e tentar impedir o absoluto. Sabemos que nada é pra sempre. Nenhuma regra, nenhuma decisão, nenhum sentimento. Nada. E temos o humor para nos lembrar disso. Os piadistas costumam condenar o "politicamente correto" como se fosse ele o vilão que impede a heroína piada de seguir seu rumo. Negar a possibilidade de existência do "politicamente correto" coloca o humor no lugar de quem ele deveria estar criticando: no lugar do absolutista. Afirmar que a existência do "politicamente correto" poderia impedir o humorismo de seguir em frente é proibir a democracia e o pensamento. Se tudo tem um limite, por que o humor não haveria de ter o seu? Não permitir que alguém tente teorizar algum tipo de limite pró-humor é dar ao gênero poderes de um ditador tirano. O humor pode tudo? Em nome da piada, tudo vale? Sério? E não seria assim que pensam os grandes ditadores? Em outras e curtas palavras: se eu posso te sacanear, você pode se defender. Justo.

HUMOR É O NOSSO TEMPO. O NOVO ROCK

O humor é o novo rock. Escrevi isso, aqui neste mesmo jornal, há quase um ano. Por ter feito essa afirmação e por acharem que o humor é o meu negócio central (embora nem seja), me convidaram a escrever o artigo que vocês lê. Ironicamente — e nesse gênero a ironia é sempre bem-vinda — escrevo dentro da van que me conduz à gravação de um programa que dirijo e no qual atuo e que pouco — ou quase nada — tem de comédia. Na loucu-



Fenômeno além da internet. Porta dos Fundos, que é conhecido por jovens e velhos, entrou para o vocabulário coletivo e tomou de assalto toda e qualquer forma de mídia

ra que é dirigir e atuar simultaneamente, digitando pensamentos que pulam na tela do notebook como se sofressem com os quebra-molas que lançam a minha cabeça no teto do veículo. Eu sempre sento no pior lugar. E por isso mesmo o texto vem em partes, sem GPS estrutural. Tão fragmentado quanto um zapping de YouTube.

O rock é que hoje o rapaz não pede mais uma guitarra pra avó, ele pede uma câmera digital. O adolescente sonhador não quer mais ser o suado vocalista de banda, ele quer ser o Porchat, o Gregorio. Ou o Adnet. No documentário "Hearts of darkness", uma espécie de making of de "Apocalipse now", o diretor Francis Ford Coppola encerra o filme dizendo que o cinema só se tornaria uma forma de arte no dia em que a dona de casa pudesse realizar um filme. Esqueçamos as questões industriais para focar nessa possibilidade. Hoje qualquer um é a dona de casa do Coppola. Qualquer jovem tem acesso aos meios de realizar audiovisual apresentável em âmbito profissional. É só ter uns US\$ 3 mil e algum amigo muambeiro voltando de Nova York. Escrever um roteiro, filmar e editar

no computador pessoal são o novo "três acordes"; é a nova forma juvenil de dar o recado. Tivesse hoje 19, 20 anos, Renato Russo talvez desistisse da banda e seguiria fazendo comédia no YouTube com as próprias leis. Nos anos 1980, a estética do rock foi apropriada por todos os meios. No cinema, eram "Bete Balanço", "Rock estrela" e as ombreiras e bandanas. Na televisão, a "Armação ilimitada". Hoje, o humor faz essa invasão estética. Até no show do Caetano Veloso — ele que sempre soube se apropriar brilhantemente do seu tempo e que está na fase "rock-banda-cé" — há momentos stand-up: a leitura de uma entrevista do Lobão no "Jornal do Brasil" feita pelo músico baiano rola pelo YouTube com a força de uma apresentação humorística na "caneca do Jô".

O NOVO

Para a minha geração, o auge criativo do núcleo Guel Arraes ("TV Pirata", "Casseta & planeta", "Programa legal", "Comédia da vida privada" e o quadro "Vida ao vivo" no Fantástico) me parece ter sido a grande influência. Seja no "Cilada", seja no

"Porta dos Fundos", esse programas citados parecem ter a força que o punk e o pós-punk tiveram para o rock nacional. Mas de todos os aspectos sensacionais do "Porta dos Fundos" o que mais me encanta é o fato de ser o primeiro grande fenômeno de mídia gerado pela internet. Sim, tivemos a Mallu Magalhães e tantos outros, mas o que eles conseguiram, até então, só era atingido pelas novelas: ser conhecido tanto pelo primo jovem quanto pela tia velha leitora de revista de fofoca; virar camiseta; entrar pro vocabulário coletivo e tomar de assalto toda e qualquer forma de mídia. E aí vem a grande questão: o que acontecerá caso eles cheguem à televisão tradicional. Olha, eu não liguei pra eles pra apurar meu texto, mas diria que não é gênero, nem charme, quando o grupo diz que está bem como está: na internet. Me parece que, na rapidez de uma conexão a cabo, deixamos de ter a internet como "trampolim" para a carreira televisiva e estamos quase caminhando para o contrário. O desejo e a necessidade dos artistas e da indústria televisiva de migrar para a televisão.

TIPO O TROPICALISMO DO HUMOR

Quase não existe mais humor na Rede Globo. Fora o "Zorra total", os programas que flertam com o gênero não se atêm a ele, não sei se poderiam ser caracterizados como "humorísticos". Todos usam elementos do drama com estabilidade funcional e mais parecem núcleos animados de novela. E pra onde estaria indo o humor brasileiro? Eu rio de mim mesmo o suficiente para saber que não sei para onde está indo. Quem sou eu, pô? Sei apenas o que gostaria de ver enquanto novidade na área. Consumidores de televisão a cabo, seriados americanos, louies e seinfelds e parks and recreations etc., minha geração absorveu a influência americana com a naturalidade da formatura no cursinho de inglês. Mas há, eventualmente, certa negação do tradicional humor brasileiro: o humor de quadros e bordões. Delírio com o dia em que alguém conseguirá unir as duas coisas, a tradição Max Nunesiana (rs) do bordão com a influência anglo-saxã do humor reflexivo de cotidiano. O velho humor novo ou o novo humor velho. Um programa de quadros, com bordões, mas com personagens larrydavidianos, neuróticos, identificáveis; com um humor mais agressivo, mais influenciado pela turma do Judd Appatow... Mas isto é um artigo, e não um bloco de notas para projetos. •

COORDENAÇÃO: ARNALDO BLOCH arnaldo@oglobo.com.br SUZANA VELASCO suzana.velasco@oglobo.com.br

RELÍQUIAS DE ERICO VERISSIMO TESOURO REVELADO

Memorial em Porto Alegre, que será aberto ao público hoje, reúne originais, correspondência e outros itens raros do autor de 'O tempo e o vento' e planeja abrigar acervo completo do escritor

FLÁVIO ILHA
De Porto Alegre
segundocaderno@oglobo.com.br

Dez anos de amizade renderam ao professor e escritor Flávio Loureiro Chaves um arsenal de relíquias de Erico Verissimo, como originais corrigidos de próprio punho, edições raras, inéditos e até uma gravação em vinil, ao que se sabe a única, do romancista lendo "O tempo e o vento". Por mais de 30 anos, esse manancial de documentos pôde ser visto apenas em exposições esporádicas. Agora o acervo, acrescido de originais que estavam com a família do crítico Mário de Almeida Lima, fará parte do Memorial Erico Verissimo, que será aberto hoje ao público no centro cultural que leva o nome do autor, no centro de Porto Alegre.

MAPA DE ANTARES EM 3D

A maior parte dos documentos, segundo Chaves, é inédita e nunca esteve à disposição de críticos e estudiosos. Isso inclui, entre outros, os originais de "Fantoches" (1932), primeiro livro de Erico, e do segundo volume de "Solo de clarineta" (1975), biografia inacabada que coube a Chaves terminar depois da morte súbita do autor.

— Erico não tinha vaidade, o que pode ser comprovado pela absoluta desordem dos originais. Assim como me presenteou com alguns, deu vários a outras pessoas sem se preocupar com o futuro — lembra Chaves.

Entre os originais raros estão a planta da cidade fictícia de Antares — onde foi ambientado o romance "Incidente em Anta-



Relíquias. Erico Verissimo (no alto) costumava fazer anotações e desenhos nas margens de seus originais e cartas

res" (1971) — e o mapa da também inventada ilha de Sacramento, onde transcorre a narrativa de "O senhor embaixador" (1965). A planta urbana de Antares ganhou versão em 3D.

Outras raridades do Memorial são a primeira — e única — edição de "Aventuras no mundo da higiene" (1939), com ilustrações do pintor João Fahrion, e de "Viagem à aurora do mundo" (1939), narrativa fantástica sobre a história da humanidade na qual a grande atração era um mapa dobrável desenhado pelo alemão Ernest Zeuner. Outro objeto curioso é uma carta em que Erico narra a Chaves seu primeiro encontro com Roland Barthes, com direito a uma caricatura do intelectual francês.

O Memorial está espalhado por 300 metros quadrados em dois andares do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo. A diretora do Centro, Regina Ungarotti, explica que o local terá espaço para pesquisadores,

junto à biblioteca O Continente, e também para quem não conhece o trabalho do autor. Haverá oito ilhas interativas sobre o processo de criação de Erico, que enchia os originais de anotações e desenhos.

— Queremos que o memorial se transforme numa referência internacional em documentação e pesquisa sobre Erico Verissimo — diz Regina.

A negociação para abrigar as relíquias de Erico foi difícil, segundo Regina, teve a concorrência de universidades norte-americanas. A próxima etapa, de acordo com a diretora, é incorporar o acervo do autor que está no Instituto Moreira Salles. O escritor Luis Fernando Verissimo, filho de Erico, já sinalizou que concorda em trazer os originais de volta ao Rio Grande do Sul.

Todo o material que faz parte do acervo foi digitalizado e estará disponível no site do Centro Cultural CEEE Erico Verissimo: www.cccev.com.br. •

46º FESTIVAL DE BRASÍLIA



Dois lados. O documentário "Morro dos Prazeres", de Maria Augusta Ramos

URBANIZAÇÃO E SEGURANÇA DAS CIDADES EM DEBATE

CARLOS HELÍ DE ALMEIDA
Enviado especial a Brasília
carlos.heli@oglobo.com.br

As políticas de segurança pública e de urbanização das metrópoles brasileiras ganharam destaque na competição do 46º Festival de Brasília, na noite de sábado, e foram recebidas com aplausos. O programa começou com o documentário "Morro dos Prazeres", de Maria Augusta Ramos, crônica do cotidiano dos moradores da favela do título um ano após a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora. Na sequência, o drama "Amor, plástico e barulho", de Renata Pinheiro, coloca a rivalidade entre duas cantoras de música brega do Recife contra um cenário de especulação imobiliária na capital pernambucana.

Realizado com recursos de uma TV holandesa, "Morro dos Prazeres" se propõe a tomar o pulso da favela encravada nas elevações de Santa Teresa em seus primeiros momentos de pacificação. De um lado estão seus moradores, que tentam se acostumar à rotina trazida pela presença do aparato policial; do

outro estão os policiais da UPP.

— A intenção do filme é refletir sobre a situação — explicou Maria Augusta, que concebeu "Morro dos Prazeres" como terceiro capítulo de uma trilogia sobre o significado das leis para o cidadão, iniciada com "Justiça" (2004) e "Juízo" (2007).

A MARGEM DA CULTURA OFICIAL "Amor, plástico e dinheiro" também tece observações sobre transformações sociais brasileiras recentes. No centro da trama estão uma jovem aspirante a estrela da música brega, que dança em uma banda do circuito alternativo do Recife, e a cantora da banda e ex-sensação do gênero, em vias de amargar o fracasso.

— É um filme com viés político, fala de coisas que são feitas à margem da cultural oficial — esclareceu Sérgio Oliveira, roteirista e diretor assistente do filme.

— Queremos questionar que modelo de urbanização é esse, que não leva em consideração o nosso clima, a nossa cultura — afirmou Renata Pinheiro. •

Carlos Helí de Almeida viajou a convite do festival